



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 43

Intérpretes

Anna Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Anna Vianna. [risos]

Évelin Argenta: E então eu queria saber de vocês, assim, vocês... quem é a mais velha? Desculpa a indiscrição.

Branca Vianna: Eu. Sou eu.

Anna Vianna: Sempre, sempre acharam que era eu. Com 15 anos, eu achava maravilhoso.

Branca Vianna: São dois anos e oito meses.

Évelin Argenta: É pouquinho, um pouquinho. E como é que [...] vocês chegaram a trabalhar juntas...a fundar uma empresa...

Branca Vianna: Essa, me entrevistando, é a Évelin Argenta, produtora sênior aqui da Rádio Novelo. É ela quem vai tocar essa primeira história aqui nesse primeiro ato. E você já deve ter reparado que essa outra, que tá sendo entrevistada junto comigo, é a minha irmã, a Anna Vianna.

Anna Vianna: E a voz é parecida.

Branca Vianna: A gente tem a mesma voz.

Évelin Argenta: Vocês tem uma voz muito parecida, as pessoas dizem isso?

Anna Vianna: A gente enganava todos os namorados, porque na época – eu não sei se as pessoas, os ouvintes sabem – o telefone era fixo, você não tinha essa coisa de ver a chamada, quem tava... Então a gente atendia o telefone em casa e aí eu atendia falava "alô", e aí o namorado dela assim "Oi, xuxu" – ou sei lá qual era o apelido dela. Aí eu dava trela pra ela, dizia "não, olha só, não é o seu xuxu". Mas a gente enganava papai e mamãe.

Branca Vianna: A gente enganava os pais...

Évelin Argenta: A voz da Anna Vianna - você vai conseguir perceber até o final do episódio - é um pouquinho mais grave. Mas, ouvindo de primeira - e mediada por um telefone - é bem compreensível que as pessoas ficassem confusas, mesmo.

E essa história até tem a ver com as vozes da Branca e da Anna, mas a gente já vai chegar lá.

ATO 1

Évelin Argenta: Anna, não sei se a Branca te contou por que a gente...

Anna Vianna: Deu uma ideia, deu um ideia.

Évelin Argenta: Que ela te falou?

Anna Vianna: Ela falou que quer falar sobre a questão das vidas passadas...

Évelin Argenta: Numa das vidas passadas da Anna, ela foi bióloga. Tá bom, vai, não é bem uma vida passada, já que a gente tá falando da mesma existência.

Anna Vianna: Eu me formei na faculdade em 88. Fiz biologia, fiz mestrado em Biofísica

Évelin Argenta: A Anna é formada em Ciências Biológicas com mestrado em Biofísica.

Anna Vianna: e aí larguei tudo.

Évelin Argenta: Largou tudo, foi atendente de loja, trabalhou em agência de viagem, trabalhou em hotel... Enfim, qualquer lugar que precisasse de alguém que falasse outras línguas além do português. Porque as duas sempre tiveram muita facilidade com línguas. A Branca também pensou de cara numa carreira que fosse por esse caminho.

Branca Vianna: Eu ia fazer direito ou letras. Na última hora, quando eu estava me preparando pro vestibular – que tem esse detalhe também, eu era péssima aluna, vagabundérrima, faltava à aula pra cacete, repetia ano, era uma desgraça. Então chegou na hora do vestibular, eu estava péssimamente mal preparada, porque tinha muita praia em vez de ir ao colégio, literalmente. Então eu estava muito mal preparada. E aí, entrei pra letras e eu detestei. Porque era uma época em que só se estudava semiótica. Eu fiz o vestibular junto com uma amiga nossa, que também é intérprete, chamada Gisah Vasconcellos, e a gente fez vestibular no mesmo dia. E um dia, conversando com a Gisah, eu falei "eu não aguento mais", eu não sei o que eu faço, se eu vou trocar, vou transferir, vou largar a faculdade. Ela falou "Olha, no português - Inglês tem essa especialização de interpretação". E ela falou, "é super divertido, você vai lá e faz uma prova, e eu tô gostando muito, quem sabe você não gosta". Então eu fui, fiz a prova, passei, entrei aí. Adorei assim, adorei, super adorei.

Évelin Argenta: Adorou tanto, que um tempo depois ela convenceu a Anna a fazer a mesma coisa.

Anna Vianna: Estava trabalhando numa loja e ela já era intérprete formada, tinha feito letras, interpretação e ela falou "Poxa, aproveita que você fala francês e fala inglês, porque que você não tem curso de interpretação como pós graduação?" Ela fez dentro da faculdade de Letras e ela fez dentro da formação normal dela.

Branca Vianna: e a gente trabalhava muito junta. Acontecia muito da gente estar na mesma cabine, porque a gente tem a mesma combinação linguística. Enfim...

Évelin Argenta: Talvez você que acompanha a Rádio Novelo há algum tempo já saiba. Mas, antes de fundar a Novelo, a Branca trabalhou durante mais de 25 anos como tradutora intérprete.

Branca Vianna: Mais de 25 anos, depende de como eu conto como meu primeiro trabalho, 25, 27 anos na interpretação.

Évelin Argenta: A Anna e a Branca fizeram parte de um momento interessante do mercado de tradução e interpretação no Brasil. Isso porque a década de 90 ficou conhecida como "a época das grandes privatizações" no país.

Empresas como a Light, a Vale, a Telebrás, a Vasp, e bancos, como o Banespa, foram concedidos à iniciativa privada. Eram imensas rodadas de negociação com empresários de companhias estrangeiras que precisavam se entender nessas conversas.

Branca Vianna: Então, foram anos de muito trabalho. Tinha trabalho assim... a rodo. Cê andava na rua cê catava trabalho de intérprete.

Anna Vianna: Teve a Rio 92.

Branca Vianna: Teve a Eco 92 e depois teve a década inteira de privatizações. E aí que acontecia, você tinha, sei lá, privatização da Light, por exemplo, da Supergasbrás, lembra, que a gente trabalhou pra caramba?

Anna Vianna: Fazia muita reunião do conselho da Super Gás, muito.

Branca Vianna: E a da Light era assim, vinha os sei lá quem que ia comprar...

Anna Vianna: Duas empresas compraram. Uma empresa texana chamada Houston Energy e a EDF francesa. Nós duas temos inglês e francês na nossa combinação linguística. Eu fiquei acho que dois meses direto, trabalhando todo dia na Light.

Branca Vianna: E durou muitos anos, né, porque era uma confusão a Light. Tinha que explicar, eles tinham que entender o que era "gato", por exemplo, entendeu. Levou um ano pros caras entenderem o que era um gato e o que que eles poderiam fazer com gato, entendeu? Como evitar roubo de energia.

Évelin Argenta: Como explica o que é um gato?

Branca Vianna: Chegou ao ponto que os próprios gringos falavam "gatow".

Anna Vianna: Era energy theft.

Évelin Argenta: Pô, vamo combinar que "gatow" é muito mais legal que "energy theft". Mas a Anna e a Branca tavam ali sendo pagas pra fazer as pessoas se entenderem, e não pra ensinar gírias brasileiras pros gringos.

E isso é um trabalho super técnico, que exige experiência e preparo.

Anna Vianna: Quando tem apresentação, eu leio se tem o nome do orador e não tem apresentação, eu vou no YouTube. Busco, busco ouvir a voz, ver como é que a fala e tal. E a gente tem os glossários. Depois de 20, 30 anos de trabalho, a gente tem muitos glossários já feitos e você tem sempre às nossas mãos uma colinha que eu sempre faço, você também fazia, do que com certeza vai cair na prova. Em ortopedia você vai ter o nome das articulações, até porque no caso de medicina de laboratório, que eu faço muito, boto nome dos medicamentos que certamente surgirão. Então você faz aquela colinha, deixa ali na sua frente. É muita prática. Como diz o André Bekenn, nosso professor da PUC, "você ouve o que está sendo dito, pensa no que você está ouvindo e aí sim, você vai repassar".

Évelin Argenta: Experiência, domínio da língua, vocabulário. Até aí são coisas específicas, mas que se aprende - ou aperfeiçoa - com a prática. Mas tem coisas que extrapolam o conhecimento técnico e te jogam numa outra dimensão.

Anna Vianna: Eu nunca fiz, mas tem gente que faz a tradução de cirurgia ao vivo.

Branca Vianna: Eu fiz, eu fiz. Uma vez, eu fiz uma amputação de perna.

Évelin Argenta: O quê????

Évelin Argenta: Cê pára, que eu sei que a sua reação foi a mesma que a minha! Não vem querer fingir costume com essa informação, não.

Branca Vianna: Caramba, isso é inacreditável! [...] Hoje em dia deve ser super comum, mas na época que eu fiz era uma super novidade. Era uma cirurgia que estava acontecendo no Texas, e tinha vários grupos de médicos no mundo inteiro. Tinha gente na Europa, no Oriente Médio, tinha gente na

Ásia e tinha gente aqui no Brasil. E acho que outros países da América Latina também, assistindo a cirurgia de amputação de perna. Uma coisa assim que eu já tava quase desmaiando na cabine. E aí o médico lá, a equipe médica lá do que era de Houston, estavam todos com o microfone e o cirurgião chefe explicando e os outros também. Olha, agora a gente vai pegar a paciente, virar... E amputou a perna da mulher ali, ao vivo ali na tela grande. E os médicos então depois podiam fazer pergunta do mundo inteiro. A gente ouvia as perguntas, obviamente, dos médicos que tavam na sala, ouvindo, junto com a gente. Mas também a gente tinha que traduzir as perguntas das outras pessoas que tavam no resto do mundo.

Évelin Argenta: E tudo isso assistindo, Branca?

Branca Vianna: Assistindo a cirurgia! E aí foi aquela coisa assim eu não quero olhar porque eu tenho aflição de cirurgia, tem bastante apreensão, até em filme de ficção eu tenho aflição, mas você tem que ver porque você tá, você está interpretando aquilo. Se você fechar o olho, você pode perder alguma coisa que o cara tá descrevendo e que você vai ter que olhar uma cor, um movimento, uma coisa qualquer. Então você tinha que olhar. E é aquela coisa assim de vez em quando. Quando não estava na minha vez, eu fechava o olho, a gente sabe, respirava... (suspiros)

Évelin Argenta: Eu não consigo nem imaginar o nível de abstração necessário pra conseguir – como disse o professor delas – "ouvir, pensar no que tá sendo dito" - que talvez seja a pior parte, né? "pensar no que está sendo dito"... - "e repassar".

Eu sei que os médicos, enfermeiros, socorristas, bombeiros que tão me ouvindo agora tão me achando uma fracota. E devem tá pensando "bom, isso também se aprende". E eu imagino que sim. Que saber controlar os nossos sentimentos numa situação dessa faça parte de um processo prático, de treino, mesmo.

Só que esse não é o caso das intérpretes, né? No caso delas, quando o contratante muda, tudo muda. Vira a página. Outro assunto.

No final dos anos 90, a Branca e outras intérpretes foram chamadas pra acompanhar um treinamento de uma joalheria famosa no Rio de Janeiro. A ideia era meio que padronizar o atendimento pra chegar aos níveis das lojas internacionais. E aí, um instrutor americano veio pro Rio.

Branca Vianna: e ele foi contratado pra renovar a joalheria, tornar mais moderna, mais moderna, mais "hip" assim. Então vinha durante muito tempo – era eu, a Vera, a Ana Maria – e durante muito tempo vinham as equipes de vendas de vários lugares do Brasil, das regiões do Brasil, vinham e faziam esse curso. Então foram muitos meses, a gente ficou trabalhando com esse cara.

Évelin Argenta: E até aí, tudo bem. Quer dizer, depois de saber que o trabalho de interpretação pode envolver ver uma perna sendo amputada, qualquer coisa tá tudo bem. Não ia ser a disposição de um relógio, o polimento de um diamantezinho que ia abalar as intérpretes...

Branca Vianna: Ele chegava para as pessoas e dizia assim: "You are a piece of shit. A little piece of shit. Who do you think you are? Assim.."

Évelin Argenta: Vocês tinham que...

Branca Vianna: E a gente tinha que traduzir!

Anna Vianna: Não pode falar: "Aiaiai, que coisa feia você!"

Branca Vianna: Você também não pode dizer assim "Ah, vou protestar e vou embora", porque você só vai estar deixando na mão a tua colega de cabine. Ele era...não, ele era realmente horrível e o que vinha eram as vendedoras, sabe? Gerentes das lojas, então eram muitas vezes umas senhoras que trabalhavam nessa joalheria há 20 anos, há 25 anos. Ele era uma coisa horrível. Uma das nossas colegas intérprete, ele demitiu ela porque ela se recusou a xingar a mulher que ele estava xingando no mesmo grau de vulgaridade que ele estava usando. Entendeu? Ela se recusou. Ele soube e mandou ir embora. E ela falou "Graças a Deus, a melhor demissão que eu tive na minha vida, porque eu não posso mais ver esse homem. Eu não consigo dormir".

Anna Vianna: Nossa, tanta saia justa que a gente já passou em várias coisas.

Évelin Argenta: Só recapitulando aqui a lista das saias justas: explicar o que é "gato", acompanhar a amputação de uma perna em tempo real - e sem desmaiar -, xingar vendedoras de joalheria chique...

Mas nada disso se compara ao que aconteceu em agosto de 1997.

Branca Vianna: ué, eu hipnotizei mil pessoas em todos os salões do Hotel Glória abertos

Anna Vianna: Hipnotizamos...

Branca Vianna: Hipnotizamos! Exatamente, eu e minha irmã hipnotizamos. Devia ter o que, umas mil pessoas.

Évelin Argenta: Foi no dia 7 de agosto de 1997, no Rio de Janeiro. Faltavam poucos dias pro início da 8ª Bienal Internacional do Livro, que é uma das maiores festas literárias do país.

E muitos autores internacionais já tavam por aqui, aproveitando os dias antes do evento, pra divulgar os livros.

E um desses autores era um psiquiatra americano chamado Brian Weiss.

Évelin Argenta: E vocês conheciam ele já?

Anna Vianna: Não, nunca. Nunca tinha ouvido falar.

Branca Vianna: Eu nunca tinha ouvido falar. Depois, a gente se preparando para o evento, a gente foi descobrir que ele era o Weiss. Não tinha nem muita coisa com o que preparar, porque ele tem os livros, os livros. Eu acho que nos livros ele conta as histórias e tal.

Évelin Argenta: O Brian Weiss já era muito famoso nos Estados Unidos nessa época, mas o "hit" tava começando a chegar no Brasil, principalmente por causa de um livro dele chamado "A Cura Através da Terapia de Vidas Passadas".

Como diz o título, o Dr. Weiss tinha se especializado em hipnoterapia nos anos 80, e tinha virado A referência do assunto no mundo.

Logo na primeira vez que ele veio pro Brasil, ele atendeu a Xuxa e o Tony Ramos. Era esse o nível.

Nesta segunda, ele ia lançar um conjunto de quatro fitas cassetes com gravações dele numa espécie de meditação guiada: Relaxamento Profundo, Meditação para a Cura, Regressão Através do Tempo e Exercícios de Regressão.

Mas antes de lançar as fitas na Bienal, ele tinha feito uma palestra em São Paulo e ia fazer outra no Rio, no Hotel Glória.

Branca Vianna: A gente chegou bem cedo, me lembro que o evento era à noite, a gente chegou tipo quatro da tarde, uma coisa assim. E aí ele explicou pra gente, já de cara, ele falou vai ter, "eu vou fazer uma sessão de hipnose com o público, mas quem vai hipnotizar são vocês, porque as pessoas vão estar de fone, ouvindo a tradução. Quem não fala inglês. Então é muito importante que vocês façam exatamente o que eu vou explicar agora".

Évelin Argenta: O Dr. Weiss ia demonstrar pruma plateia de umas 800 pessoas como funcionava o método de Terapia de Vidas Passadas - realmente, eram quase mil, como lembrava a Branca. Só, pra isso, ele precisava que a Branca e a Anna seguissem muito rigorosamente algumas instruções.

Branca Vianna: Então ele foi. Ele foi suavizando o tom de voz, assim numa voz calminha e um pouco monocórdica, e foi pedindo pra gente imitar. E aí ele explicou que era muito importante que as pessoas sentissem os cheiros dos quais ele ia falar, que visualizasse o caminho, as cores.

Évelin Argenta: A plateia tinha que se sentir confortável, segura e relaxada pra fazer o "caminho de volta". Mas tinha uma coisa muito importante, que funcionava como uma espécie de gatilho pro transe. E que colocava à prova o repertório das intérpretes.

Anna Vianna: ele explicou "eu vou falar" para as pessoas ficarem induzidas na questão da hipnose, eu vou falar "Então fechem os olhos. Agora você imagina que você está chupando uma 'lime'". Então, a gente tinha que falar um limão. Aí a pessoa bota, você imagina a saliva, você começa a salivar, fecha o olho, imagina, você está chupando um limão, você começa a salivar aí.

Branca Vianna: Porque em São Paulo a intérprete tinha traduzido 'lime' por 'lima'.

Anna Vianna: Por lima! Foi isso. E aqui não é a mesma coisa.

Branca Vianna: A lima é doce, é doce. O que ele queria era essa sensação de salivar na boca. E aí ele falou "nossa, isso é uma coisa importante que

aconteceu em São Paulo, deu esse erro. Isso é grave na hora do caminho que a pessoa tem que percorrer para ser hipnotizada, isso atrapalha".

Évelin Argenta: "Isso é grave!" Ou seja, mesmo que a hipnose fosse guiada pelo Brian Weiss, a Branca e a Anna eram diretamente responsáveis por isso.

As palavras certas, no tom certo, na velocidade certa... tinham que sair da boca das duas. E aí, mais uma vez, a técnica da abstração - que já tinha sido usada na amputação e nos xingamentos - teve que sair da manga. Porque, afinal, nenhuma das duas acreditava em hipnose.

Branca Vianna: É aí é a gente na cabine, a gente olhava e dizia, "Não é possível, essa gente tá doida". Porque realmente era tipo assim, quase a sala inteira de fone de ouvido, e...

Anna Vianna: A gente julgou muito aquele povo.

Branca Vianna: Enfim, como você está vendo, somos céticas. Estava achando aquilo uma loucura, a gente tinha gostado muito dele, é realmente muito gentil e a gente estava achando aquilo muito divertido. Quando ele falou "Vocês vão hipnotizar", a gente: "Uaaaau que legal!"

Anna Vianna: Eu me lembro que na hipnose mais profunda, a Branca que estava fazendo e aí eu me lembro que falei: "Ah, beleza, vou aproveitar que ela tá fazendo, vou brincar de ficar hipnotizada também!"

Branca Vianna: Ela falou isso! A gente entrou na cabine, falou assim "Olha só, se vira aí porque eu vou ser hipnotizada, tá?" Aí ela tirou o sapato, cruzou a perna e falou, "Vai lá, filha, vai lá". Aí, depois de uns cinco minutos ela ver como estava sendo hipnotizada, nada, ela desistiu. Mas foi exatamente isso. "Fica aí, tá?"

Évelin Argenta: Quer dizer, o máximo de regressão que a Anna fez naquele dia foi, sei lá, lembrar que tinha deixado a janela aberta antes de sair de casa.

Mas a palestra continuava.

Anna Vianna: Era uma coisa descendo. Então você ia começa um jardim e tem uma escada que vai descendo. Eu acho que isso tudo ia conduzindo para a pessoa, ir entrando e aí tem coisa do cheiro. Você começa a se desligar do que está a sua volta, porque ele vai te falando do cheiro, do barulho, do sei lá o que, e da descida. Então você vai descendo e tem um

riozinho passando e ele vai falando com a voz suave e você vai... se desliga dos barulhos à sua volta, de quem está sentado, de onde você está. E era sempre uma condução de cima para baixo, com a voz também ficando mais suave, mais devagar, mudando... isso e conduzindo exatamente como— como— uma meditação, uma meditação guiada.

Évelin Argenta: A Branca, claro, tava ali do lado ouvindo tudo.

Branca Vianna: Quando acabou, ele falou: "Então agora vocês podem abrir os olhos". E aí ele começa a perguntar e ele pergunta: "Quem voltou à infância?" Todo mundo levanta a mão. Basicamente, a sala inteira. A infância. Diz assim: "Quem voltou ao útero da mãe?" 80% da sala. A gente olhava assim. A gente não chegava a saber se ele ia tentar se levantar para ver. E a gente dizia "não é possível que essas pessoas todas aqui voltaram ao útero da mãe com a minha voz. Com a minha voz!" E aí, depois do útero da mãe, você vai pra outras vidas. Do que é que te aconteceu antes disso.

Évelin Argenta: Poucas pessoas chegaram a essa fase. Mas aí o Dr Weiss chamou uma voluntária pro palco pra ser hipnotizada diretamente por ele, no maior estilo Fábio Puentes de "bem dormido, bem dormido, bem dormido".

***Fábio Puentes:** "Aqui...bem dormido, todos! Bem dormido, bem dormido, bem dormido"*

Branca Vianna: E aí ele fez aquela coisa clássica que a gente vê em filme "você vai dormir, você está se sentindo sonolento, você está ficando pesada e quando eu estalar os dedos, você vai dormir". E ele foi falando, falando. Ele estalou os dedos. A mulher caiu, ele teve que segurar. Ela, de fato, dormiu mesmo. Não era invenção. E foi conversando com ela e fazendo perguntas, e ela respondendo.

Évelin Argenta: E é, geralmente, nesse momento que surgem as melhores lembranças do passado.

Branca Vianna: E aí ela foi contando... foi contando e aí ela falou [risos] Você imagina? Ela disse o seguinte que ela estava num castelo e tinha um

baile e ela estava com uma roupa comprida e estava dançando. E ela estava dançando com um homem que era um homem alto, de barba, mais velho, que era o pai dela e era o rei.

Évelin Argenta: Era uma princesa Disney, assim.

Branca Vianna: Era uma princesa Disney.

Évelin Argenta: Eu sempre acho curioso que todo mundo, quando faz essas regressões pra vidas passadas, descobre que era da nobreza europeia... ninguém plantava arroz na China, ninguém lavava latrina...

Branca Vianna: Mas a gente vê que não é só ele que acha que é príncipe.

Évelin Argenta: Nessa hora, a Branca tava se referindo a uma história bem específica, de um paciente bem específico do Dr. Brian Weiss. No final desse mesmo ano, de 1997, o ex-presidente Fernando Collor de Mello foi ao consultório do Dr. Brian Weiss, em Miami. Ele queria entender, através da terapia, os motivos que teriam levado o irmão dele, o empresário Pedro Collor, a fazer uma série de denúncias que tinham culminado no impeachment dele, em 1992.

E lá, na consulta com o Dr. Weiss, o Collor teria descoberto - fazendo uma série de associações tiradas da própria cabeça - que ele, Fernando Collor, era a reencarnação de Dom Pedro I.

E que, seguindo uma lógica meio torta de reencarnação sincronizada, o Pedro – Pedro Collor – teria sido Dom Miguel, o irmão vingativo do imperador.

Eu fiquei sabendo dessa história maluca quando eu tava fazendo a pesquisa da série *Collor Versus Collor* – que é um podcast Original Globoplay produzido aqui pela Rádio Novelo. Se você ainda não ouviu, depois desse episódio, procura por Collor versus Collor no aplicativo do Globoplay ou em qualquer outra plataforma. Todos os 8 episódios já tão disponíveis.

Eu fiquei passada com essa história, claro, e aí um dia no almoço, na mesa, eu contei essa história pra Branca... e ela me retrucou com essa outra história da "vida passada" dela com o Dr. Weiss.

Agora, uma coisa que precisa ficar clara é que o Brian Weiss nunca disse pro Collor que ele foi Dom Pedro. O que aconteceu foi uma sessão de terapia, onde o Collor foi elaborando sozinho e chegou a essa conclusão sozinho.

E, bom, qual é a real vantagem de saber quem a gente foi em vidas passadas – se é que existe esse negócio de vidas passadas – eu não faço a mínima ideia.

O Collor viu nessa regressão uma resposta - bem fantasiosa - pra dar conta dos dramas do presente dele e pra tentar seguir no futuro tirando o peso dos próprios erros das costas. Mas isso nem vem muito ao caso aqui. O que se sabe é que não existem evidências científicas que comprovem a eficácia do método.

E a Anna e a Branca, como elas mesmas falaram, também eram bem céticas em relação à regressão. Elas não embarcaram nessa ideia de vidas passadas, nem antes e nem depois da experiência de hipnotizar centenas de pessoas de uma vez. Mas os anos que elas passaram como intérpretes foram quase um jeito de viver várias vidas numa só.

Anna Vianna: na interpretação, as palavras não são nossas e a gente consegue fazer com que elas soem como a do apresentador através da gente, não é?

Évelin Argenta: Por isso que eu falei quando eu te vi, eu falei: "Nossa, que engraçado, porque tu já foi tanta gente na minha cabeça".

***Anna Vianna no Oscar:** Eu gostaria de agradecer...Eu agradeço a todos os membros da Academia. Muito obrigada!*

Évelin Argenta: É que a Anna, se você ainda não ligou o nome à pessoa - ou a voz à pessoa - é a voz da interpretação do Oscar e também de outras cerimônias que cê já viu na TV.

Anna Vianna: Não sei se cê sabe, mas no Brasil eu já casei dois príncipes. Não fui princesa na vida passada, mas quem disse sim pro William em português fui eu, quem disse sim pro Harry em português fui eu. Ainda matei e enterrei a rainha e coroei o rei!

Évelin Argenta: O Brian Weiss, no livro *Cura Através da Terapia de Vidas* Passadas, disse que toda vez que uma pessoa tá tão concentrada numa tarefa que ela não se distrai por estímulos exteriores, pode-se dizer que isso é uma "hipnose ligeira". E quando eu li isso, pensei que a Branca, e todo mundo aqui da Rádio Novelo, tá meio que tentando fazer hipnose com você que tá ouvindo.

Sempre que a gente consegue te fazer parar pra imaginar uma cena, ouvir um som, sentir raiva, medo, saudade, lembrar da infância... a gente pode tá te conduzindo numa espécie de "hipnose ligeira", te desligando de um ponto e te levando pra outro...

... MAS SE VOCÊ TIVER DIRIGINDO AGORA OU ENTÃO LAVANDO UM COPO DE VIDRO, PELO AMOR DE DEUS, PRESTA ATENÇÃO NO QUE CÊ TÁ FAZENDO! EU, HEIN...

Branca Vianna: Essa foi a Évelin Argenta, produtora sênior daqui da Rádio Novelo. E, se você tá bobeando e ainda não ouviu *Collor versus Collor*, não perde mais tempo!

Essa história aí de Dom Pedro só vai aparecer no oitavo e último episódio da série, mas vale ouvir na ordem, pra entender tudo.

Como um ouvinte disse outro dia no Twitter, é tipo *Succession*, só que melhor. Mas calma, bota aí pra ouvir *Collor versus Collor* na sequência, quando terminar esse episódio aqui, porque ainda não terminou.

No segundo ato de hoje, a gente continua falando sobre intérpretes. E quem conta essa história é a Bia Guimarães.

ATO 2

Bia Guimarães: Todo mundo que conhece a Patynha acaba aprendendo uma palavra nova.

Patynha: Meu nome é Ana Patrícia Costa, eu tenho 52 anos...

Bia Guimarães: Ah, desculpa. Patynha é o apelido da Ana Patrícia.

Patynha: ...e eu trabalho com produção. Produção de eventos.

Bia Guimarães: Não, ela não é daquelas pessoas que usam um monte de palavras difíceis e que parecem dicionários ambulantes. Não é disso que eu tô falando.

Eu tô falando de uma palavra específica que vira e mexe aparece nos causos que ela conta. Um termo que faz parte da vida da Patynha, e que acaba ficando familiar também pra quem convive com ela.

Se as minhas contas tiverem certas, faz uns 17 anos que a gente se conhece. Então eu fui apresentada pra essa palavra já tem um bom tempo. Mas eu nunca soube direito a origem dela.

Quer dizer, eu sabia que tipo de acidente tinha feito a palavra aparecer, mas eu nunca soube dos detalhes dessa aparição. E eu nunca tive noção do tanto que essa palavra – e tudo que veio com ela – transformou a vida da Patynha... e a da mãe dela. Especialmente a da mãe dela.

Patynha: Bom, minha mãe chama-se Maria Creuza Costa. Ela é uma baiana arretada (risos).

Bia Guimarães: Quando a Patynha ainda era bebê, a Creuza se mudou com os filhos da Bahia pro litoral de São Paulo. O marido dela tinha morrido fazia pouco tempo.

Patynha: E ela cuidou de cinco crianças. Eu tenho quatro irmãos homens, e nós morávamos em Santos. Ela tinha duas choperias, uma mulher muito para cima, muito festeira e uma mãe muito rígida, por criar cinco filhos na praia...

Bia Guimarães: E foi em 1997 – quando a mãe dela tinha 58 anos – que tudo aconteceu. A Creuza ainda morava em Santos e a Patynha tava em Sorocaba, no interior do estado. Ela tinha passado os últimos anos na Alemanha, e tinha acabado de voltar pro Brasil.

Patynha: Eu volto, ela vem me visitar. E fazendo um jantar para mim...

Bia Guimarães: Ela começou a passar mal. A Patynha tava no banho e escutou a mãe gritar.

Patynha: E aí eu só escuto o grito dela. Eu saio, ela está no chão...

Bia Guimarães: Não era raro a mãe dela reclamar de problemas de saúde. Sempre que os filhos iam visitar, ela se queixava de uma dor aqui, outra dor ali...

Patynha: Ela falava que não tava legal da coluna. Quando você via, ela estava abaixando e levantando. Eu acho que era uma maneira dela querer que a gente ficasse mais em casa e não saísse, então ela sempre inventava umas...

Bia Guimarães: No fim, nunca era nada. Mas naquele dia foi diferente.

Patynha: Ela chegou a cair, mas ela não desmaiou. Ela caiu falando "Nossa, minha cabeça, minha cabeça está doendo". E começou a ter vômitos. E foi muito triste porque eu falava "meu, um dia minha mãe vai ter um negócio na minha frente e eu não vou acreditar". Putz, e não é que ela teve na minha frente? O derrame, o primeiro derrame.

Bia Guimarães: O primeiro derrame.

A mãe dela tava tendo um AVC, um acidente vascular cerebral. Que é basicamente um acidente, mesmo, de trânsito. Só que nos vasos que irrigam o cérebro.

Às vezes é um coágulo que causa um bloqueio no vaso e acaba interrompendo o fluxo de sangue pruma parte do cérebro. Ou tem vezes que o próprio vaso sanguíneo se rompe. E aí o sangue extravasa, acontece uma hemorragia.

Você provavelmente conhece alguém que já teve um AVC, ou conhece alguém que conhece alguém que teve. Como todo acidente, o AVC tem uma parcela de imprevisibilidade, mas também tem fatores de risco.

E o principal fator de risco prum AVC é uma coisa extremamente comum: hipertensão arterial, a pressão alta. Porque aí o sangue fica fazendo muita força contra a parede dos vasos e eles vão ficando lesionados e mais rígidos.

Isso facilita acidentes. Facilita os bloqueios e os extravasamentos que causam o AVC.

E a Creuza...

Patynha: Sempre teve problema de pressão alta. Então era engraçado que ela sempre ia no hospital com as amigas porque a amiga tá passando mal.

Aí no fim ela ia lá medir a pressão e ela acabava ficando internada e a amiga não. Então era sempre muito alta...

Bia Guimarães: Ela mesma não chegava a passar mal. Mas, quando ela media, era tiro e queda. Tava alta. E ainda tinha outro fator de risco, no caso dela.

Patynha: Ela fumava bastante. Ela teve o derrame com o cigarro na mão.

Bia Guimarães: A Creuza tava mexendo as panelas com uma mão e fumando com a outra quando ela passou mal e caiu no chão. A Patynha pegou a mãe dela e correu pro hospital.

Patynha: Aí chegamos no hospital, ela acabou tendo mais dois, dois derrames na mesma noite.

Bia Guimarães: Ela ficou internada alguns dias enquanto os médicos faziam os exames e acompanhavam o caso. Mas a Creuza tava consciente e tava bem, na medida do possível.

Patynha: Aí foi descoberto o aneurisma no cérebro, né?

Bia Guimarães: Aneurisma é quando a parede do vaso sanguíneo dilata e faz tipo uma lombada pra fora, uma bolha, que pode romper. A pressão alta também é uma das causas do aneurisma. Os médicos disseram que a Creuza ia precisar ser operada, pra diminuir a chance dela ter mais AVCs e de ficar com sequelas.

Patynha: Ela estava consciente, então ela assinou ali para fazer a operação. Um dia antes da operação, vou dar comidinha para ela de manhã, ela começa a babar. E ela foi tentar falar comigo, ela ficava "ahnn". Eu falei "mãe!". Então ela já perdeu a fala antes. E realmente era um novo derrame, que foi bem forte. E aí ela já entrou para cirurgia assim, sem os movimentos do lado direito e sem a fala.

Bia Guimarães: Quando acontece o AVC e o fluxo de sangue é interrompido, uma parte do cérebro deixa de receber sangue. Nisso, as células que tãõ ali podem morrer, e as funções que toda aquela área executa no nosso organismo podem ficar comprometidas.

É por isso que muita gente que tem um AVC fica com um lado do corpo paralisado, por exemplo. Porque o acidente aconteceu justo na via que levava sangue pra área do cérebro responsável por aqueles movimentos.

E existem terapias, reabilitações...

Mas algumas sequelas podem ser permanentes.

A sequência de AVCs que a Creuza teve afetou não só os movimentos do lado direito do corpo dela, mas também a fala. Ela já não conseguia falar nada.

Patynha: Ela tinha um gritinho só que ela fazia. Eu vim da Alemanha só para me organizar aqui, porque eu ia voltar. Aí eu vejo minha mãe ali na sala, saindo da U.T.I. E, puts, me dá uma loucura, um amor grande por ela. Nossa, que amor é esse? E eu falo "não, eu vou cuidar da minha mãe". Então ali eu pari uma senhora de 50 e poucos anos.

Bia Guimarães: Naquele momento, a Patynha entendeu que ela ia ter que ficar no Brasil. E que a mãe ia ter que ir morar com ela. Por mais complicado que fosse.

Patynha: Minha mãe era uma pessoa difícil, nós tínhamos uma relação uma com a outra muito difícil.

Bia Guimarães: E foi, mesmo, complicado. Porque, além da convivência difícil, de um lado da história tava uma pessoa que, da noite pro dia, tinha ganhado a responsabilidade de cuidar de alguém que não conseguia se deslocar direito, nem se comunicar direito.

E, do outro lado da história, tinha outra pessoa que também não tava nada confortável com o papel que ela tinha acabado de ganhar.

Uma pessoa que, da noite pro dia, tinha perdido o controle de coisas que antes pareciam inseparáveis do corpo dela.

Patynha: Imagine pra ela a dificuldade de querer se expressar e não conseguir. Ela não aceitava nada. Ela não aceitava a doença. Ela ficou revoltada.

Bia Guimarães: Não tava fácil pra nenhuma das duas. Mas a Patynha tava determinada a fazer dar certo.

Patynha: Ela ganhou uma planta e eu vi lá na casa dela. Peguei essa planta e trouxe, que era uma violeta. Pra ela ver que eu vou cuidar dela e das coisinhas dela. Então levei tudo pra minha casa e essa violeta eu coloquei no criado mudo perto dela. Então todo dia eu ia lá jogar água – e

eu sou muito mal com planta, que eu mato as plantas e fico maior mal depois. Mas é que eu esqueço de por água ou então ponho água demais. E aí vou lá molhar e toda vez que vou molhar ela faz "ohhh". Eu falo "isso, Creuzinha! Eu tô molhando a tua planta", tal tal tal. Molhei por uma semana. Quando chegou no último dia da semana, eu vi que a água estava caindo. Falei "putz, molhei demais". E vou pôr o dedo assim para ver se está encharcado... Era de plástico! Nossa senhora, que vergonha! Aí minha mãe olha pra mim assim, "ooohh". Tipo "eu tava tentando avisar". Essa foi a nossa primeira comunicação que não deu certo (risos).

Bia Guimarães: Esse foi também um dos primeiros sinais de que a vida delas ia mudar pra sempre. Era como se elas precisassem criar uma nova língua não falada, um novo canal de comunicação pra elas se entenderem. Pra ontem.

Pra ajudar nessa tarefa, a Patynha começou a levar a mãe dela numa fonoaudióloga. E ao longo das sessões ela ia fazendo exercícios de reabilitação e experimentando caminhos.

Patynha: A gente pensou até em Libras, se ela pudesse aprender. Mas como ela perdeu os movimentos do braço direito, ela não quis também.

Bia Guimarães: Libras não ia rolar. E no AVC a Creuza também tinha perdido a habilidade de escrever. Então não dava pra ela simplesmente anotar coisas pra filha ler.

Patynha: A leitura ela tem um pouco, mas se tem um W ou um Y, ela já não consegue ler a palavra. A gente fez o abecedário numa cartolina e ela ia falando ali o que ela queria, ela ia desenhando com as letras...

Bia Guimarães: E sabe aqueles jornaizinhos de supermercado? Que tem os produtos e as promoções?

Patynha: Todos ela tinha em casa, então ela cortava ou apontava com a caneta o que ela queria.

Bia Guimarães: Pras necessidades do dia a dia, ela acabava usando muita mímica e expressões faciais. Ela foi ficando boa de se fazer entender.

E foi só depois de mais um menos um ano... que a palavra chegou.

A tal palavra que eu tava falando no começo da história.

Quer dizer, eu nem cheguei a falar ela ainda.

Fanina.

A Creuza começou a dizer "fanina".

Patynha: pra tudo.

Bia Guimarães: "Fanina" e pequenas variações.

Patynha: Apanina, afanina. Isso é tudo.

Bia Guimarães: Essa palavra, que pra mim e pra você não significa nada, pra Creuza passou a significar tudo. "Fanina" podia ser uma reclamação, um pedido, uma fofoca, uma resposta de sim ou não... E aí a Patynha precisava interpretar.

Ela virou a principal intérprete de uma nova língua que tinha um vocábulo só.

Até que, um dia, a fonoaudióloga resolveu gravar a Creuza falando.

Patynha: No que ela grava – e eu falei que Creuzinha é uma pessoa brava, difícil – a reação que ela teve foi violenta. A minha mãe, quando ela viu que ela falava "fanina"... A moça falou "é dessa forma que a senhora está falando". Ela bateu na fonoaudióloga, ela deu um tapa assim, pegou no braço da mulher. E a mulher até ficou sentida. Eu falei "mãe, que que é isso?". Mas foi, assim, ela ficou muito mal. Porque ela não, na realidade, quando ela vai conversar com você, pra ela, ela está falando.

Bia Guimarães: Pra entender o que tava acontecendo ali, eu conversei com a Karin Zazo Ortiz, que é fonoaudióloga e professora da Unifesp, a Universidade Federal de São Paulo.

Karin Zazo Ortiz: onde eu coordeno o ambulatório de Transtornos Neurológicos Adquiridos da Fala, Linguagem e Cognição

Bia Guimarães: No topo da lista dos transtornos neurológicos que a Karin vê no ambulatório, são as sequelas do AVC.

Karin Zazo Ortiz: de 30 a 35% dos pacientes que têm um AVC, tem também uma afasia.

Bia Guimarães: Afasia é essa alteração na linguagem que pode acontecer depois de uma lesão no cérebro. E tem vários tipos de afasia.

Tem as mais brandas, tipo quando a pessoa fica com dificuldade pra encontrar a palavra que ela tá procurando na cabeça, ou fica com uma dificuldade leve pra ler e escrever.

E tem os tipos mais graves.

Karin Zazo Ortiz: que o paciente não consegue praticamente entender nada do que ele escuta, não consegue se comunicar pela fala, não consegue ler nem escrever.

Bia Guimarães: A balança da comunicação pode ficar diferente pra cada pessoa, dependendo de como foi a lesão. Algumas têm mais dificuldade pra emitir a mensagem, outras têm mais dificuldade pra receber, pra compreender a mensagem.

Isso da pessoa tentar falar e só sair uma palavra específica ou um conjunto de palavras – tipo "fanina", ou "ai meu deus do céu" – é um problema de emissão.

Mas se a pessoa também tiver um distúrbio de compreensão, ela pode não notar que existe um abismo entre o que ela acha que tá dizendo e o que ela realmente tá dizendo.

Karin Zazo Ortiz: Ele pode não perceber que o que ele está falando não faz sentido e que o interlocutor dele não compreende aquela fala.

Patynha: E quando ela tem essa escuta do "fanina", ela ficou muito mal e se calou. Ela ficou uns três dias sem se comunicar.

Bia Guimarães: Ao longo dos anos, a Creuza foi se acostumando – na medida do possível – com aquele abismo e com aquela palavra que saía no lugar de todas as outras. De todas as palavras que existem e as que ainda não existem, ela ficou com fanina e suas pequenas variações.

Patynha: Então ela canta: "fanina, fanina, fanina...". Aí ela reza: "oh, fanina, fanina fanina". Aí ela briga "fanina, ah fanina!". E ela fofoca, "fanina fanina".

Bia Guimarães: Com certeza tem coisas que se perdem nessa tradução. Coisas que a Creuza tenta expressar e a Patynha não consegue interpretar.

Ou coisas que a Patynha diz e a Creuza não entende.

Mas elas tão sempre fazendo esse esforço, pra tentarem se encontrar no meio do caminho.

Patynha: eu tenho um irmão em São Paulo, outro no Mato Grosso do Sul e um em Santos. Então ela, quando ela quer falar dos meus irmãos, então ela fica assim, o de São Paulo que é perto ela fala "ohh", aí eu falo "São Paulo", ela "fanina". É isso aí, o mais longe ela faz "ooooh". Aí eu sei que é bem longe, eu falo "Mato Grosso do Sul!"

Bia Guimarães: Enquanto mãe e filha inventavam novas maneiras de se entender e de conviver, a Patynha viu surgir um outro abismo. Só que agora nela.

Patynha: Eu não tinha mais a minha vida, eu estava me doando totalmente para ela.

Bia Guimarães: De todos os irmãos, a responsabilidade tinha ficado com ela, a única mulher. Era difícil equilibrar o trabalho com essa rotina de cuidados, que também foi ficando mais dura conforme a Creuza foi ficando mais velha.

Teve períodos em que a Patynha teve que parar de trabalhar, e elas ficaram vivendo só com o dinheiro da aposentadoria da Creuza.

Patynha: Eu fiquei com a minha mãe 24 horas. Tanto que tinha vezes que eu não aguentava o "fanina". Eu levantava, já escutava "fanina", falava "puts...", sabe? Por todo o amor que eu tinha por ela, mas eu precisava também de um tempo de relaxar, e eu não conseguia isso.

Bia Guimarães: Nenhuma das duas recebeu nenhum tipo de ajuda psicológica pra lidar com o que elas tavam vivendo. Enquanto a Patynha cuidava da mãe, ela ia se distanciando dela mesma. Perdendo a capacidade de ler os sinais do próprio corpo, de interpretar o que tava acontecendo com ela mesma.

Patynha: Quem cuida do cuidador? Eu era uma pessoa que eu vivia muito no esporte. Eu não tinha mais tempo para treinar. E eu, realmente, o meu lance com a comida foi vício. Eu me viciiei. Eu comia nove pães de manhã e nove pães à noite. Eu tinha que ter pão. Era minha loucura. E foi vício. E com isso, uma alimentação horrível que eu fazia porque eu tinha que

trabalhar, tinha que cuidar da minha mãe, deixar comida. Então, assim, eu não consegui lidar com isso. Na realidade, eu realmente esqueci de mim.

Bia Guimarães: A cuidadora tava adoecendo também. Em vários sentidos.

Patynha: Eu tive uma pedra na vesícula. Ela migrou. Era um fragmento, na realidade, de pedra. E ela migrou para o meu pâncreas.

Bia Guimarães: A Patynha teve uma pancreatite. Ela ficou um mês internada e teve que passar por uma cirurgia.

Patynha: E aí eu volto mal, né? Então, assim, era nós duas doentes. Devido ao problema do pâncreas, eu fiquei diabética.

Bia Guimarães: Cada vez ficava mais claro que não dava pra continuar daquele jeito. E que, uma hora ou outra, os irmãos iam ter que dividir aquele papel com ela.

Patynha: Então eu lembro que o que me fez tomar a atitude de cobrar uma responsabilidade deles foi quando tentei levar minha mãe para o banho, segurando ela, e eu não aguentei com ela e ela caiu. Quando ela cai ela passa assim, bem próximo do vaso, a cabeça dela. Eu fui tentar segurá-la, não consegui. Então minha coluna ficou torta...

Bia Guimarães: Depois disso, a Patynha abriu o jogo com os irmãos dela. E, juntos, eles entenderam que o melhor caminho era levar a Creuza pra uma casa de repouso, pra ela ser cuidada por profissionais.

Patynha: Então aí conversei com ela – porque ela não é uma coisa, é uma pessoa, tem sentimentos – expliquei tudo certinho. Ela via como nós estávamos vivendo. Ela viu que estava difícil e ela aceitou. Então hoje ela mora numa casa de repouso. Já fazem... vai pra dez anos. Não, nove anos.

Patynha: Foi muito louco. Porque, assim, tem uma música que fala assim "O que é que eu vou fazer com essa tal liberdade?". Aí foi, pirei!

Bia Guimarães: Por um tempo, a Patynha continuou acordando de madrugada pra ver como a mãe dela tava. Tinha ficado automático, depois de mais de 15 anos fazendo isso.

Patynha: Então eu me vejo sozinha. Sem saber o que fazer, sem trabalho e com muita saudade de tudo aquilo que me cansava. Mas era muito amor

também ali com ela, né? E aí, no fim, minha mãe foi, e eu fico doente, fico depressiva. Depois eu começo a entender aquela mulher, que tudo o que ela fez, daquela forma rígida, tudo... ela era apenas uma mulher que não tinha também... eu, eu me vejo no lugar dela. Quando eu estou ali, cuidando dela e falo "pra onde vou correr? Da onde eu vou tirar isso, da onde vou tirar aquilo..." Então você começa a enxergar o ser humano de uma outra forma.

Bia Guimarães: Demorou pros sentimentos e os hábitos se assentarem. Mas, olhando pra trás, ela vê que aquela decisão foi importante. Pras duas.

Patynha: Hoje ela é uma pessoa que é muito carinhosa comigo, coisa que nós não tínhamos antes. E a gente tem um carinho muito grande, um respeito uma pela outra.

Bia Guimarães: A Creuza tá com 84 anos. A casa de repouso onde ela vive fica em outra cidade, mas as duas se falam todo dia por chamada de vídeo.

Patynha: Ela liga a hora que dá na telha, ela pede pra alguém ligar e quer conversar.

Bia Guimarães: No final da nossa entrevista, a Patynha ligou pra Creuza pra gente conversar um pouco.

Patynha: Creuzinha!

Bia Guimarães: Na verdade, eu fiquei mais observando o papo das duas, naquela língua em que elas são fluentes.

Patynha: Mamãe, eu tava contando de quando você ficou doente...

Bia Guimarães: Foi a primeira vez que eu vi a Creuza, depois de tanto tempo ouvindo falar dela... e de eu ter aprendido uma palavra nova com ela.

Bia Guimarães: Lembra você, não lembra?

Patynha: Lembra! Ela é muito parecida...

Bia Guimarães: Hoje a Patynha tá tentando cuidar mais dela mesma.

Patynha: Então vivi anos assim, muito mal comigo mesma, achando que eu estava fazendo o certo, comendo certo e não estava. Então agora estou correndo atrás do prejuízo.

Bia Guimarães: Além da diabetes que ela desenvolveu depois daquela pancreatite, recentemente ela descobriu que tem hipertensão, igual à mãe. Ela já começou a tomar remédios e a mudar os hábitos pra tentar controlar a pressão.

Uma pesquisa do Instituto Umane, feita em 2023, mostrou que quase 27% da população brasileira vive com hipertensão arterial sistêmica. Ou seja, mais de um quarto das pessoas no Brasil têm um problema crônico de pressão alta.

O que coloca essas pessoas na mira de vários desdobramentos graves, incluindo o AVC. E detalhe: esses quase 27% é só quem sabe que tem hipertensão.

Muita gente tem e não sabe.

É uma condição meio silenciosa, que a gente pode só perceber depois que acontece algum dano mais grave.

A hora que fica impossível de ignorar.

E tanto a Patynha como a Creuza pertencem a um grupo que é mais afetado pela hipertensão – ou a um grupo em que a hipertensão é mais prevalente, pra usar a palavra dos especialistas. As duas são mulheres negras.

A prevalência da hipertensão na população negra pode ter muitos significados e interpretações. Vai muito além do que vem na cabeça quando a gente pensa em pressão alta: alimentação, sal, atividade física, genética...

É tipo "fanina": uma palavra que parece simples, mas que abriga um universo inteiro de coisas.

Liliane de Jesus Bittencourt: E aí tem uma discussão que tenta relacionar essa alta prevalência de hipertensão na população negra com a questão genética. Mas, na verdade, a gente faz uma discussão que é justamente outra. Então a gente diz: a gente sabe que a hipertensão é uma doença metabólica, mas a gente sabe também que o adoecimento em si, ele tem um componente social.

Bia Guimarães: A Liliane de Jesus Bittencourt é nutricionista de formação e professora da Universidade Federal da Bahia. Um dos focos das pesquisas dela é entender como as questões de saúde refletem as desigualdades que a gente tem no mundo.

Liliane de Jesus Bittencourt: Quando a gente pensa no racismo institucional, ele estrutura a forma de ser/estar na sociedade da população negra. E isso, logicamente, vai trazer consequências para a saúde dessas pessoas. E uma dessas consequências é a hipertensão arterial.

Bia Guimarães: A Liliane tava me contando que não tem como pensar em saúde e em hábitos de vida sem pensar no contexto em que as pessoas vivem.

Porque ter condições de cuidar de si mesmo tem a ver com acesso aos serviços de saúde, com poder ou não escolher o que comer, com tempo e condições pra fazer atividade física, com qualidade de vida, com emprego, com moradia, com estresse, com relações familiares, com segurança pública, com saneamento básico, com sofrer violências físicas ou psicológicas, com o peso de ser responsável por cuidar dos filhos – ou dos pais... Com tudo.

Tudo isso faz parte do que os estudiosos da saúde pública chamam de determinantes sociais da saúde.

Liliane de Jesus Bittencourt: são várias questões que envolvem e que determinam o desenvolvimento de uma patologia como essa, para além de escolhas individuais. Porque quando você coloca "a hipertensão está ligada ao hábito alimentar, à atividade física...", você pensa o que você transfere para o indivíduo a responsabilidade do seu adoecimento. Isso é muito cruel.

Bia Guimarães: Quanto mais a gente olha pra lista de causas da hipertensão, mais a gente percebe que a origem do problema também é crônica.

E já que a gente tá falando de palavras aqui, e do que elas querem dizer... tem uma última que eu aprendi com essa história toda. Ela foi cunhada lá nos anos 90 por uma pesquisadora da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, que também é da área de saúde pública. A Arline Geronimus.

A Arline passou anos investigando a disparidade racial nos índices de saúde.

Tipo: por que a taxa de mortalidade era maior pros bebês negros do que pros bebês brancos.

E, por trás disso, ela também encontrou os determinantes sociais da saúde – e as consequências que uma pessoa pode ter no próprio corpo por viver numa sociedade racista.

Ela chamou isso de *weathering* – que seria intemperismo em português.

Sim, é aquela palavra que a gente aprende nas aulas de geografia.

Intemperismo é o que acontece com as rochas conforme elas ficam expostas ao vento, ao sol, à água...

Ao longo do tempo as rochas sofrem um desgaste, e vão ficando mais vulneráveis à erosão, por exemplo.

A Arline Geronimus comparou isso com o que acontece na saúde das populações marginalizadas, que vivem não só com o intemperismo da discriminação racial ou de classe social, mas também com tudo o que vem junto.

Com todos os significados que isso tem na condição de vida das pessoas.

Essa teoria não foi aceita de cara.

Porque, há décadas, as pessoas tavam observando uma diferença grande entre a saúde da população branca nos Estados Unidos e a da população negra.

Mas isso era atribuído à pobreza, ou à genética daqueles grupos, ou à falta de cuidado com a própria saúde.

O que a Arline percebeu era outra coisa.

Como o fato de viver como uma pessoa negra, uma mulher negra, pode ser um fator de estresse constante.

Uma coisa silenciosa que vai afetando o seu sistema nervoso, o seu sistema circulatório, a sua saúde como um todo. E isso era verdade tanto pra mulheres negras ricas como pra mulheres negras pobres.

No Brasil, também tem gente estudando esse fenômeno há muito tempo.

Destrinchando como os determinantes sociais da saúde afetam a gente tanto quanto os nossos hábitos e a nossa bagagem genética.

Nada disso é determinismo.

É meio que o contrário.

Todo mundo nasce com predisposições genéticas a isso e àquilo.

E o estilo de vida que a gente segue faz diferença, claro.

Mas tem coisa que vai além do nosso controle individual.

O jeito que a sociedade afeta a gente. (Que até tem a ver com a epigenética, mas essa é uma história pra todo um outro capítulo.)

Intemperismo é uma palavra que é mais do que uma palavra.

É um jeito de interpretar problemas de saúde dentro de um todo.

Um todo muito maior do que um corpo e os sistemas dentro dele.

Um sintoma nunca é um fenômeno isolado.

E, às vezes, uma doença em si – ou a prevalência dela – é um sintoma de alguma coisa que tá acontecendo na nossa sociedade.

Quando uma pessoa adoecer, ela não adoecer sozinha.

E, com essa nova palavra no vocabulário, dá pra gente enxergar isso melhor.

Branca Vianna: Essa foi a Bia Guimarães, produtora sênior da Rádio Novelo.

E essa história foi produzida com apoio da Umane, que apoia iniciativas na saúde pública com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população brasileira. Pra saber mais sobre a atuação da Umane, é só acessar umane.org.br. O link também tá lá no nosso site.

Branca Vianna: Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Se você ainda não foi dar um passeio lá no nosso site, eu recomendo. A gente tá sempre acrescentando coisas, e dá pra conferir todas as nossas séries por lá – inclusive tem um link pra você conhecer *Collor versus Collor*, na voz da Évelin. E também tem as coordenadas lá pra você assinar nossa newsletter e ficar por dentro de todas as novidades do Rádio Novelo Apresenta.

Na página de cada episódio, a gente deixa algum material extra no site. Essa semana, tem foto da Patynha e da Creuza, e fotos minhas com a Anna durante nossos anos todos de interpretação.

Se você quiser mandar uma sugestão pra gente, vai lá no nosso site, no menu, onde tem a seção "envie uma pauta".

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são Vitor Hugo Brandalise, Évelin Argenta, Bia Guimarães e Sarah Azoubel. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Natália Silva e Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini e pela Denise Ribeiro.

Nesse episódio a gente usou música original de Luna França e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Brigada, e até a semana que vem.